

O Teosofista

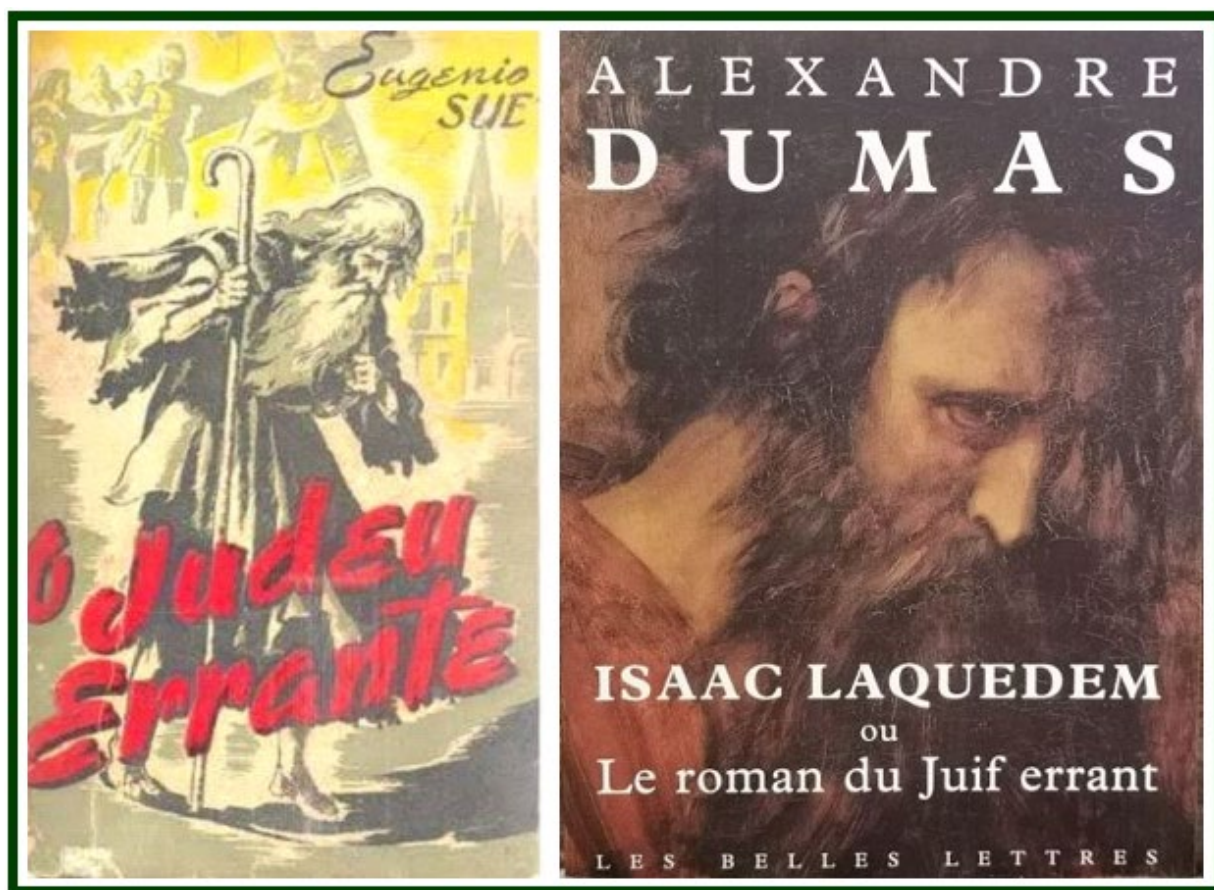
Ano XX - Número 233 - Edição de Outubro de 2026

Publicação Mensal da **Loja Independente de Teosofistas** e seus Websites Associados
Email: indelodge@gmail.com - **Facebook:** SerAtento e FilosofiaEsoterica.com.

[illegible]

O Bom Senso Dissolve a Ignorância:

Castro Alves e o Judeu Errante



Romances de Alexandre Dumas e Eugène Sue promoveram o respeito pelos judeus

A suprema inteligência e a mais completa tolice estão presentes lado a lado na alma humana, e o antissemitismo é um monumento à nossa estupidez coletiva. Tendo sido inaugurado há mais de quinze séculos, o ódio aos hebreus ainda existe com força no século 21.

São judeus todos os fundadores do cristianismo, inclusive Jesus Cristo, a mãe dele, Maria, e os seus discípulos diretos. As escrituras adotadas pelo cristianismo são judaicas, e pertencem ao judaísmo. Moralmente, os cristãos precisam pagar aos judeus os devidos direitos autorais do Velho Testamento. Mesmo o Novo Testamento foi quase todo escrito por judeus. O cristianismo nasce, portanto, como uma seita de judeus. O deus dos cristãos é o Deus de Israel. Como, então, algum cristão pode odiar os seus irmãos judeus? E no entanto eles foram humilhados, perseguidos e assassinados durante muitos séculos, e são odiados até hoje.

Mas a humanidade avança. A ignorância dá lugar à sabedoria. A má vontade perde terreno aos poucos. Muitas igrejas evangélicas perceberam o erro e hoje são leais amigas do povo de Israel. O catolicismo já reduziu o tamanho do seu fracasso neste aspecto, e deverá corrigi-lo gradualmente no futuro. O judaísmo merece respeito, inclusive porque o cristianismo é um filho da espiritualidade judaica.

A Lenda do Peregrino Eterno

O mito do Judeu Errante, condenado a viver eternamente para “expiar suas culpas”, surge na Idade Média como uma história profundamente ofensiva ao povo de Israel. Mas nada é eterno, nem sequer o antissemitismo, e a lenda passou por uma transformação radical no século 19. Ganhou várias novas versões humanistas, abandonou o sentimento de desprezo e passou a expressar sincero respeito para com o povo judaico.

As novas *encarnações* do mito são resultados práticos da literatura romântica. Grandes escritores como Edgar Quinet e Eugène Sue tiveram papéis de destaque no renascimento da boa vontade para com culturas diferentes. Victor Hugo combateu ativamente o antissemitismo. Alexandre Dumas deu uma contribuição decidida, embora na época a sua obra sobre o tema do Judeu Errante tenha sido proibida pela censura.

De muitas maneiras e em diferentes povos, o romantismo ajudou a preparar o surgimento do movimento teosófico moderno, cuja meta primeira é *a formação de um núcleo da fraternidade universal, com respeito por todos*. E isso inclui Israel - a terra e o povo da Bíblia.

Um dos nomes do Judeu Errante é *Ahasverus*. No contexto do romantismo favorável à fraternidade entre todos os povos há um poema de Castro Alves que ocupa lugar privilegiado, porque está entre os mais elevados e místicos. Diz ele:

Ahasverus e o Gênio

Sabes QUEM foi Ahasverus?... - o precito [1]

O mísero Judeu, que tinha escrito
Na fronte o selo atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda,
Fugindo embalado à *vingadora* voz!

Misérrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.
Com a mão vazia - viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe - o grão de areia,
A gota d'água - rejeitou-lhe o mar.

Da Ásia as florestas - lhe negaram sombra
 A savana sem fim - negou-lhe alfombra.
 O chão negou-lhe o pó!...
 Tabas, serranhos, tendas e solares...
 Ninguém lhe abriu a porta de seus lares
 E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
 E não pôde entre tantas populações
 Beijar uma só mão...
 Desde a virgem do Norte à de Sevilhas,
 Desde a inglesa à crioula das Antilhas
 Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribos se afastavam
 E as mulheres tremendo murmuravam
 Com respeito e pavor.

Ai! Fazia tremer do vale à serra...
 Ele que só pedia sobre a terra
 - Silêncio, paz e amor! –

No entanto à noite, se o Hebreu passava,
 Um murmúrio de inveja se elevava,
 Desde a flor da campina ao colibri.
 “Ele não morre”, a multidão dizia...
 E o precito consigo respondia:
 - “Ai! mas nunca vivi!” –

O Gênio [2] é como Ahasverus... solitário
 A marchar, a marchar no itinerário
 Sem termo do existir.
 Invejado! a invejar os invejosos.
 Vendo a sombra dos álamos frondosos...
 E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede uma mão de amigo - dão-lhe palmas:
 Pede um beijo de amor - e as outras almas
 Fogem pasmas de si.
 E o mísero de glória em glória corre...
 Mas quando a terra diz: - “Ele não morre”,
 Responde o desgraçado: - “Eu não vivi!...”

(S. Paulo, outubro de 1868.) [3]

A Pomba Branca da Verdade

Já no século vinte, outros autores se somaram ao movimento criativo de resgate espiritual do antigo mito. Entre eles, o português Silva Resende, que escreveu o romance “O Judeu Errante”.

Em teosofia, *Ahasverus* ou o Judeu Errante simboliza Atma, a Mônada, o Eu Superior, que “não morrem”, mas são perseguidos e rejeitados no mundo material da ignorância, e portanto “tampouco vivem”, conforme destaca Castro Alves. Permanecem crucificados no reino do egocentrismo.

De fato, um Mestre de Sabedoria escreveu:

“Entre a superstição degradante e o ainda mais degradante e brutal materialismo, a pomba branca da verdade dificilmente encontra um lugar onde possa descansar seus pés desprezados e exaustos.” [4]

Assim como o Cristo e o próprio Judeu Errante, nenhum grande Sábio ou Iniciado encontra sossego no mundo. A paz está sobretudo em sua própria alma espiritual, e ao seu redor ele enfrenta testes e provações a todo momento. A sua longa trajetória inclui, é claro, o processo da reencarnação.

Alessandro Cagliostro declarou:

“Em cada lugar por que passo, abandono algumas parcelas de mim mesmo, desgastando-me, reduzindo-me em cada etapa, deixando a vocês um pouco de claridade, um pouco de calor, um pouco de força; até que, por fim, eu tenha definitivamente chegado ao final da minha trajetória, no momento em que a rosa florescer na cruz.” [5]

Quando a Derrota se Transforma em Vitória

Tanto o sábio como o conhecimento divino são desprezados no mundo, mas esta condição não é eterna, porque um dos resultados da dor é precisamente o discernimento espiritual, que desmascara o ódio mostrando que ele produz apenas sofrimento.

O coração desperto é capaz de aprender. Nele o fruto do sofrimento é a sabedoria, e ela ensina que só o perdão liberta.

Não é difícil perceber: *a boa vontade é a base da justiça e produz felicidade*. Quando cada um é leal à sua própria alma, a lucidez se fortalece e a ajuda mútua se espalha. (CCA)

NOTAS:

[1] *Precito* - pré-condenado, condenado por antecipação e sem direito a julgamento ou defesa.

[2] O gênio, o sábio, o peregrino espiritual, o buscador da sabedoria, aquele que busca a justiça, o místico cristão ou judaico, o buscador da verdade de qualquer religião ou filosofia.

[3] Este é o poema na íntegra, reproduzido do livro “Castro Alves - Obra Completa em um Volume”, Ed. Nova Aguilar S.A., Rio de Janeiro, 1986, 906 páginas, ver páginas 86-87.

[4] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, Ed. Teosófica, Brasília, p. 18.

[5] Do artigo “[O Mistério de Alessandro Cagliostro](#)”.

000

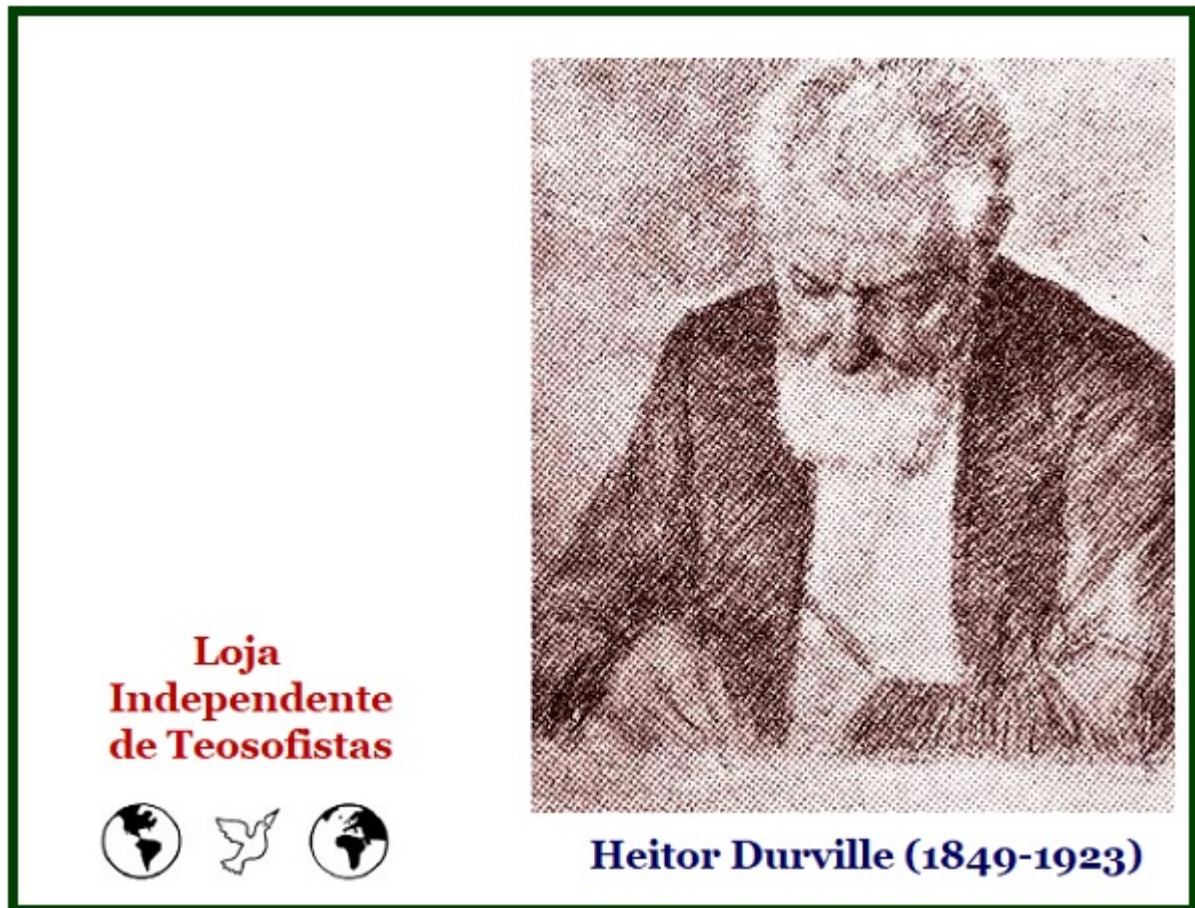
A ideia central do texto acima se aplica a todos os países ou comunidades onde haja a doença da má vontade recíproca. A doença é curada através do uso de bom senso e do discernimento.

000

A Nossa Imortalidade

O Sentimento da Bem-Aventura É uma Questão de Sintonia Interior

Heitor Durville



Nossa vida atual é apenas um elo da imortalidade, e a *morte* como a concebemos geralmente, unicamente uma mudança de estado.

A morte é o fim da vida física, mas não o da alma, pois esta é indestrutível.

O corpo que morre é a vestimenta da alma. Em uma morte violenta causada por acidente, por exemplo, o corpo é bruscamente dilacerado, ao passo que, quando chegamos ao último grau da decrepitude, fica enfraquecido e não pode mais servir.

O que se considera geralmente como nossa existência atual é a continuação de existências anteriores que continuarão e deverão continuar sempre, em condições tanto melhores quanto mais fizermos para obtê-las.

Podemos, pois, dizer como Lamartine:

“A vida é um degrau da escada dos mundos,

Que devemos subir para chegar algures.”

“O espírito move a matéria” - é uma afirmação quase tão antiga quanto o mundo civilizado.

Evoluímos. Esta evolução faz-se em nossa passagem através da matéria física e nossa origem remonta aos tempos geológicos primitivos, à época em que a matéria se firmou nos três estados: sólido, líquido e gasoso, que todos conhecemos.

Postos, então, nos primeiros graus da interminável escala ontológica, lentamente fomos elevando através dos diversos indivíduos do reino vegetal, do reino mineral, até o nosso presente estado de desenvolvimento.

O que se chama de acaso de nascimento, que parece dar o prestígio, a fortuna, a felicidade, não existe, porque a natureza soberanamente justa, não o seria, se houvesse preferências para alguns.

Por leis de atração e afinidade, desconhecidas em sua essência, mas fácil de se determinarem em linhas gerais, renascemos em condições análogas às que tínhamos precedentemente; e, uma vez mais, suportamos as consequências de nossas faltas, como gozamos dos benefícios dos progressos que soubemos realizar.

De ínfimos, maus ou infelizes que éramos, elevamo-nos, tornando-nos melhores; e todos, ao cabo de um tempo mais ou menos longo, devemos chegar à felicidade.

Mas a esta, como a outra qualquer condição, não chegaremos todos ao mesmo tempo.

Chegarão, primeiro, à felicidade, aqueles que dela se tornarem mais dignos.

Nenhum de nossos pensamentos, nenhuma de nossas ações se perde.

Se agimos mal, somos afetados de um modo doloroso ou desagradável, ao passo que, se agimos honestamente, somos afetados de modo agradável.

No primeiro caso, ficamos quase estacionários; no segundo, nos elevamos.

Não trabalhamos apenas para sermos felizes numa outra vida, consoante nos afirma a moral religiosa; mas tiramos grandes proveitos desta, porque quase sempre recebemos, num prazo mais ou menos curto, a maior parte do que se chama punição ou recompensa de nossas ações.

Para se conduzir neste labirinto da vida, cheio de escolhos e obstáculos, e atingir mais depressa a meta, a maioria de nós tem necessidade de um guia.

Aqueles que conhecem o caminho melhor que os outros, podem servir-lhes de guia, naturalmente.

(Heitor Durville)

000

O texto acima foi reproduzido do livro “**Magnetismo Pessoal**”, de Heitor Durville, Ed. Pensamento, SP, edição de 1968, tradução de Braulio Prego, 255 páginas, ver pp. 46-48.

000



Loja Independente de Teosofistas

“Um grupo ou loja, ainda que pequeno, não pode ser uma Sociedade teosófica --- a menos que todos os seus membros estejam magneticamente ligados uns aos outros pela mesma maneira de pensar pelo menos em uma direção ...”.

Imagem reproduzida do original manuscrito da Carta C (100) in “**Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett**”, T. U. P., Pasadena, Califomia, USA, p. 222:

(Uma cópia completa do original da Carta foi obtida da British Library pelos fundadores da LIT)

000

Transcrição em inglês do fragmento acima:

“A group or branch, however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction...”.

000

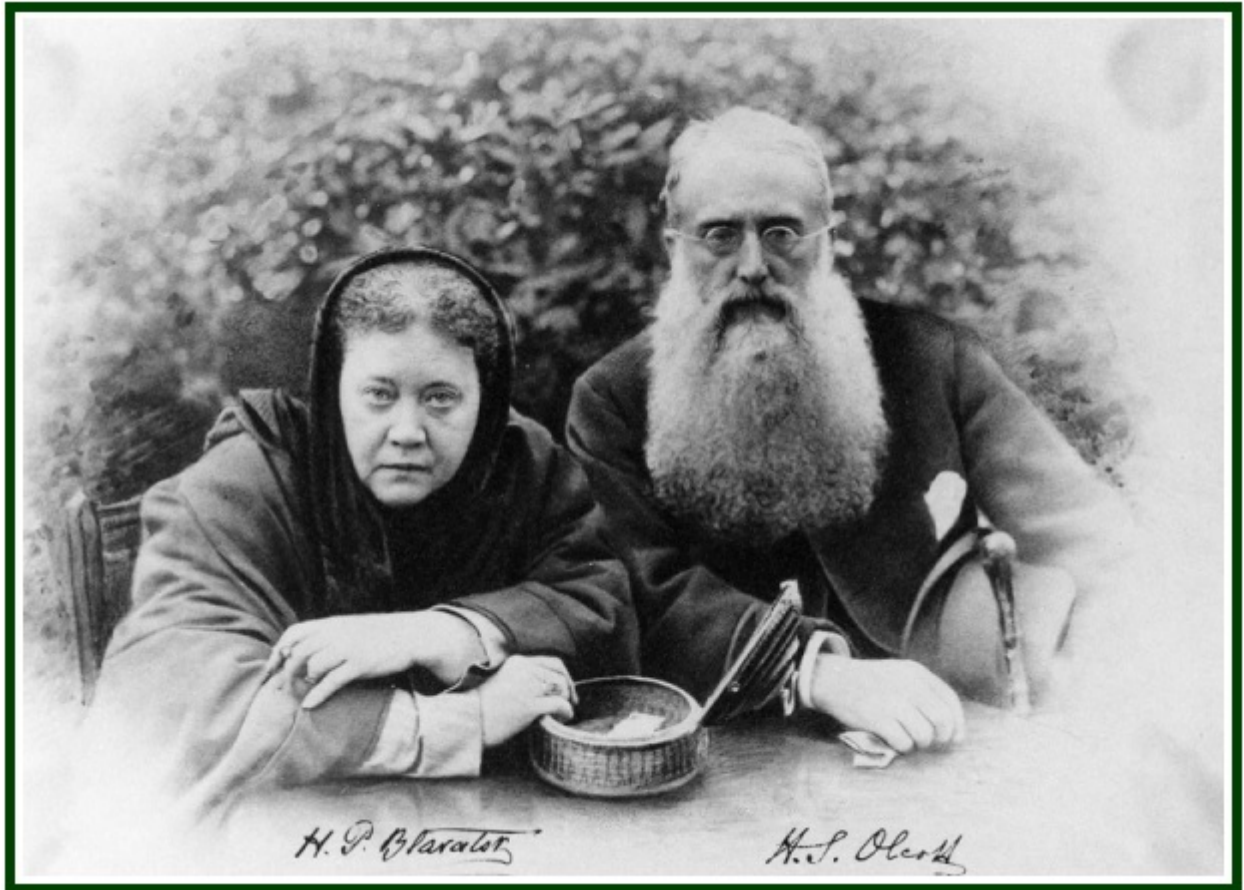
EVITE INTERMEDIÁRIOS.

Construa o seu próprio acesso direto à sabedoria eterna. Ingresse no SerAtento, em Google Groups, e expanda o seu horizonte a cada dia: <https://groups.google.com/g/seratento>.

000

Ideias ao Longo do Caminho

A Verdade Sobre o Movimento Teosófico



* Há diferenças de opinião entre as várias escolas de pensamento presentes no movimento teosófico? Sem dúvida. Serão estas diferenças às vezes intensas? Sim. São inevitavelmente incômodas, porque expressam a luta incessante que acontece na alma humana entre a verdade e a ilusão.

* Contrastes e fracassos fazem parte da vida e não é possível negar a sua existência. Isto não significa que devemos esquecer o lado mais luminoso da realidade.

* Há uma essência comum a todo o movimento teosófico. A sua substância sutil, elevada, é bem mais importante do que as falhas e diferenças de visão entre setores do movimento.

O Altruísmo Global

* As várias Lojas e Sociedades reúnem pessoas altruístas de todo o mundo. O movimento faz um excelente trabalho pela humanidade. As suas ações são raramente barulhentas ou espetaculares, mas à sua maneira têm uma eficiência suprema.

* Alguns dos erros do movimento são discutidos pela Loja Independente de Teosofistas. O movimento deve observar cuidadosamente os seus erros, aprender deles, e vencê-los. A

capacidade prática de fazer isso é uma questão pedagógica da maior importância. No entanto, a qualidade humana, as boas intenções, o exemplo de vidas altruístas que encontramos nos diferentes grupos do movimento são verdadeiras fontes de purificação da alma. Estes fatores fazem com que pessoas ampliem seus horizontes, e também inspiram indivíduos a elevar as suas vidas em todos os países onde o Esforço está ativo.

* O movimento pode melhorar a si mesmo? Ele deveria fazer isso? Seguramente. Tudo que é humano deve ser constantemente corrigido e aperfeiçoado.

Uma Fonte de Bênçãos

* Da sua parte, a Loja Independente de Teosofistas precisa corrigir os seus próprios erros.

* Não é função da LIT “corrigir as falhas do movimento”. Ao contrário: a Loja Independente é profundamente grata ao movimento como um todo por suas realizações positivas e ações úteis. Quando a LIT assinala alguns erros do movimento, ela faz isso porque confia no futuro dele. A LIT sabe que o movimento teosófico está profundamente vivo. Ele aprende com a experiência e com o diálogo, e tanto uma como o outro incluem paradoxo e contraste. Portanto as divisões burocráticas dentro do movimento não devem ser levadas demasiado a sério.

* Em qualquer situação, apontar os erros alheios com demasiada ênfase pode ser uma fuga da tarefa de enfrentar os seus próprios fracassos. Dar um testemunho, falar a verdade, e esclarecer os fatos são ações importantes que preparam um futuro melhor, uma vez que as críticas aos outros não sejam exageradas, nem substituam o esforço central por *melhorar a si mesmo* e dar um bom exemplo.

* Através de todos os altos e baixos, desde o século 19, o movimento teosófico tem sido uma fonte de bênçãos para os países em que está presente. Tem ajudado milhares de pessoas que entram em contato com ele ao redor do mundo. À medida que passa o tempo, o movimento gradualmente tira lições dos seus erros. Ele consegue isso mantendo a lealdade ao seu ideal mais elevado, e fortalecendo a sua ligação interior com a vitória da alma espiritual.

Um Grupo Faz o que Está a seu Alcance

* Toda associação teosófica faz o melhor que pode, e isso é bom. Cada um é o seu próprio juiz. Minha tarefa, como indivíduo, é a mesma de qualquer outro teosofista. Meu dever é, sobretudo, vencer os meus próprios erros, tentando viver tanto quanto possível à altura do meu ideal, e desejando o melhor a todos.

* Ao mesmo tempo que sigo a minha consciência, devo agradecer às diferentes agrupações e linhas de pensamento do movimento esotérico, assim como a cada religião e filosofia bem-intencionada, porque - de um modo ou de outro - sou beneficiado por todas elas.

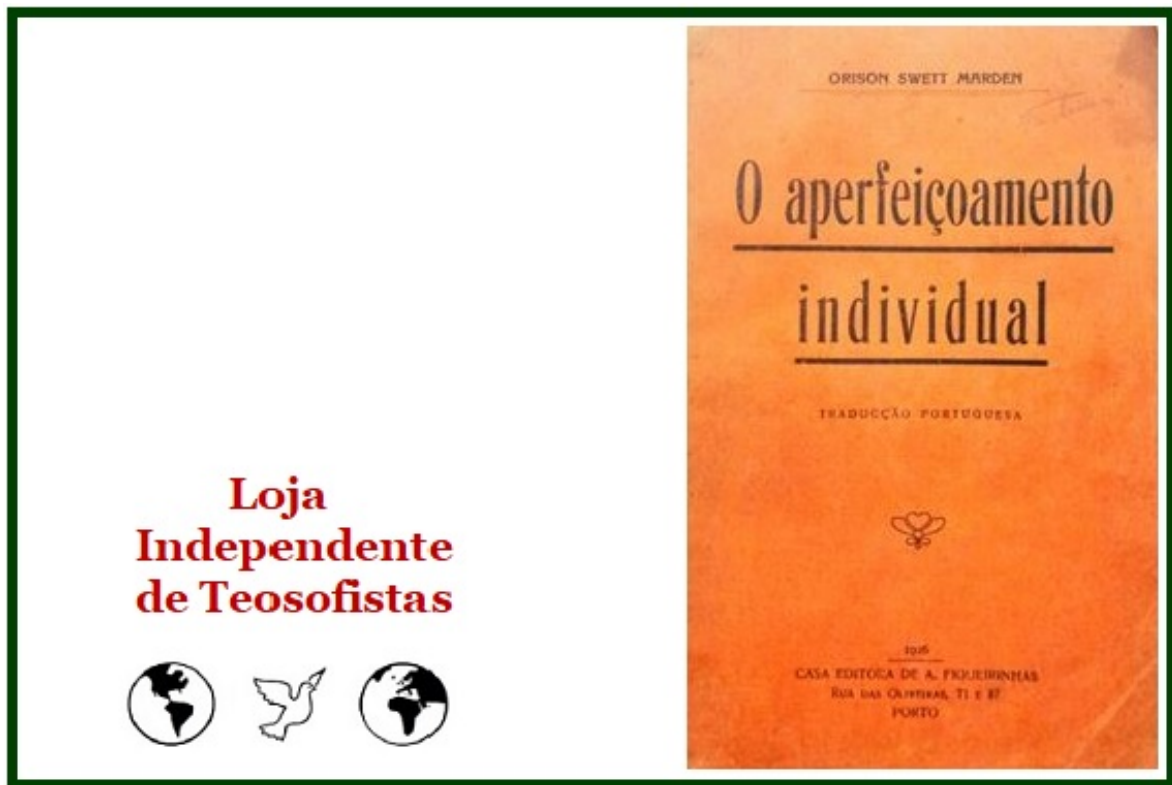
* Sinto orgulho de ser um dos fundadores da Loja Independente de Teosofistas, que existe desde 2016. Tenho uma dívida de gratidão pessoal à Loja Unida de Teosofistas, à Sociedade Teosófica de Pasadena, à Sociedade Teosófica de Adyar e outras organizações. Cada parcela do movimento beneficia a humanidade. Acredito na regra da unidade interior e no lema “Um por Todos e Todos por Um”. (CCA)

Veja o artigo [Conversando Com Radha Burnier](#).

Examine a seção temática “[O Movimento Teosófico, Seu Passado e Seu Futuro](#)”.

000

Para Melhorar o País em que Vivemos Como Foi Dada, Cem Anos Atrás, A Bem-Conhecida Receita Inevitável



Desde os tempos primitivos até aos nossos dias, a humanidade tem-se convulsionado em lutas sangrentas, com a mira, segundo declara ela própria, na sua evolução e aperfeiçoamento social.

A cada uma, porém, destas convulsões, tem-se seguido, não um período de paz e prosperidade, único compatível com o desenvolvimento gradual e segunda evolução, mas longos períodos de intranquilidade perturbados constantemente por manifestações de ambições desmedidas, que provocam necessariamente o desencadeamento de paixões e rivalidades e nos lançam meramente em lutas mais acerbadas.

É um círculo vicioso de que a humanidade não mais se poderá ver livre, enquanto não se decidir a sobrepor-se aos interesses puramente materiais de uma minoria ambiciosa e atrevida que, valendo-se da apatia da maioria, se serve dela como pedestal, para dominar em seu próprio nome.

Só assim, ela poderá entrar francamente no caminho da evolução, único que a pode conduzir ao seu aperfeiçoamento.

Até em vossos dias, um exemplo flagrante se vos apresenta.

Uma minoria audaciosa, com o errado preconceito de que nada há de útil e aproveitável na sociedade atual, tem procurado subvertê-la, incutindo no ânimo pouco seguro de espíritos mal conformados ou enfraquecidos pela falta de cultura mental e moral, as ideias mais tenebrosas de represália sobre tudo e todos quantos se possam opor aos seus desígnios maléficos.

Destruição é o seu lema; o explosivo, a sua arma.

Não querem convencer-se, ou fingem não convencer-se porque assim mais lhes convém à satisfação dos seus ocultos propósitos, de que só construindo, se edifica.

E como poderá edificar-se, utilizando os mesmos materiais, apodrecidos ou desgastos, da construção derruída? Não se correria o risco de ver derruir, novamente, a obra construída com péssimos materiais, falhos de toda a solidez e resistência?

Quando uma terra não produz boa cultura, o lavrador inteligente corrige-a; não a abandona por inútil, nem a destrói. Incute-lhe novos elementos de vida, ou fortalece os existentes, enfraquecidos pela aplicação dos adubos necessários.

Se uma casa ameaça arruinar-se pela ação corrosiva das águas de infiltração, reboca-se, aplicando-lhe novas camadas de argamassa impermeável, que a preserve daquele mal.

Assim, se uma sociedade ameaça desconjuntar-se e subverter-se, é porque aos seus elementos constitutivos faltam as qualidades de resistência e coesão; estão divididos pelas ambições desmedidas, e enfraquecidos pela falta de qualidades nobres que lhes deem o vigor necessário para poderem resistir aos embates das paixões.

É o caráter a base fundamental do aperfeiçoamento individual, e só por este será possível o aperfeiçoamento social, impulsor seguro da evolução da humanidade.

Não é destruindo a sociedade que ela pode evolucionar; é reparando-a, rebocando-a, aperfeiçoando-a, em suma, que ela pode encontrar o caminho direito da Perfeição.

Os seus elementos é que carecem de ser melhorados, fortalecidos e depurados, incutindo-lhes novas e excelentes qualidades, e arrancando-lhes os defeitos e vícios que obstem ao seu emprego eficaz.

Construir uma sociedade perfeita com homens maus, dotados de espírito de ambição e cobiça, incapazes da exteriorização de quaisquer sentimentos de amor, beleza e grandeza moral, é tão grande loucura como construir um prédio de muitos andares, com barro amassado em água. Ruiria estrondosamente, pela falta de consistência dos seus materiais.

Construir, será o lema dos homens do futuro; o aperfeiçoamento individual será a sua arma.

Uma sociedade construída sobre os fortes alicerces das mais perfeitas qualidades morais não sentirá o abalo do mais terrível dos furacões da ambição humana, porque a cimentará a integridade de carácter, verdadeira base do aperfeiçoamento individual.

Eis o verdadeiro significado [do livro] “O Aperfeiçoamento Individual”, obra-prima que só o espírito fulgurante, pensador, investigador e realista de O. S. Marden nos poderia legar.

(António P. Neves Ferreira)

000

O texto acima é o prefácio da edição portuguesa de 1926 de “O Aperfeiçoamento Individual”, de O.S. Marden, publicada pela Editora Livraria Figueirinhas, no Porto.

000

A Saúde Moral e a Saúde Física **A Fórmula Básica do Bem-Estar Interior**

Heitor Durville



A humildade e a devoção produzem boa saúde

Para realizar a maior soma de trabalho possível com uma despesa mínima de forças, necessita o homem dirigir constantemente o seu pensamento para o fim a atingir, e *não pensar senão no que faz*; pois, dispersando inutilmente as suas forças mentais, enfraquece-se e qualquer enfraquecimento é o princípio da doença.

Convém-lhe, então, ter presente na memória que *a saúde moral é solidária* com a saúde física e que o bom estado da primeira garante, quase sempre, o bom funcionamento da segunda.

Quando ambas estão bem equilibradas, levamos a cabo maior soma de trabalho feito todo com satisfação.

Podemos notar que os maledicentes, os descontentes, os ciumentos, os de ânimo azedo e impertinente, bem como os que são maus a um título qualquer, assim como os carrancudos, tristes e introvertidos, não estão nunca bem-dispostos porque têm o espírito doente, envenenado por maus pensamentos, e esta peçonha se transmite ao corpo físico que, por sua vez, adoece.

E assim é que, remontando dos efeitos às causas, somos obrigados a admitir, com os médicos alquimistas e os filósofos herméticos do fim da Idade Média, que muitas das moléstias do corpo não são mais que moléstias do espírito contra as quais todos os tratamentos físicos são ineficazes.

“Uma grande paixão a que o homem se entrega - diz Eliphas Levi - corresponde sempre a uma grande enfermidade que para si prepara”.

Quando ela se declara, é indispensável, para a sua cura, que se trate primeiro do moral.

Cheios de esperança, se nós não pensamos senão em sermos bons, confiantes e corajosos, atraímos as boas influências que flutuam indecisas em redor de nós, nossa intuição torna-se mais verdadeira e mais poderosa; e, consolidando a nossa saúde física, preparamos em grande parte o nosso êxito nos negócios e asseguramos a nossa felicidade.

000

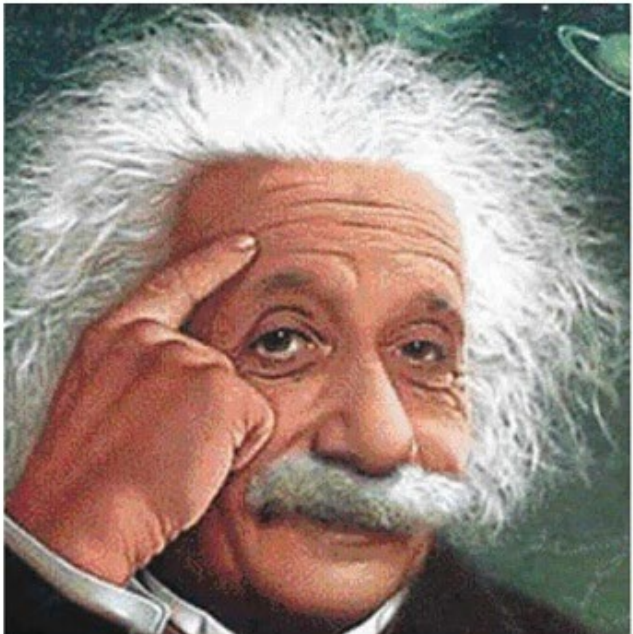
O texto acima foi reproduzido do livro “**Magnetismo Pessoal**”, de Heitor Durville, Ed. Pensamento, SP, edição de 1968, tradução de Braulio Prego, 255 páginas, ver p. 64.

000



Loja Independente de Teosofistas

**Clique e Veja
A Série Inteira
Ideias ao
Longo do
Caminho**



Examina Todas as Ideias:

<https://www.carloscardosoaveline.com/category/ideias-ao-longo-do-caminho/>

Transição - Um Poema

Maria Guilhermina Nobre Santos



A teosofista Maria Guilhermina Nobre Santos (1922-2016)

Entre ontem e hoje,
entre o que fui e o que sou,
passaram eternidades
de passados e presentes
e ontem para o futuro
do meu agora passou.
Para as horas paradas,
do meu ontem hoje presente,
olham os olhos fechados, do que eu não sou...

Mas quem sou eu afinal?
Porque fui? Porque sou?
Porque estava e porque vim?
E onde me posso encontrar?
A vida não é bem nem mal,
é um meio e não um fim,
e eu sou uma estrela sobre o mar,
a caminhar para mim...

[Reproduzido da revista “Osíris”, da Sociedade Teosófica de Adyar em Portugal, edição de setembro a dezembro de 2016, página 7. Clique para ver [a revista completa](#).]

Nenhuma Esperteza é mais forte que a Verdade
Os Poucos Fazem a Diferença

Uma pequena colher de sal muda o sabor de uma panela de sopa. E basta a ponta de uma agulha para furar uma grande bolha de ilusões desinformadas.

Colocando a verdade acima das conveniências, a teosofia ajuda o mundo através do Efeito Borboleta. E a borboleta afirma:

“O sistema solar está contido em cada átomo. Um ser humano tem em si o Céu e a Terra. A minúscula semente leva consigo a futura árvore.”



Você quer que a fraternidade entre as nações vença a ignorância e surja com rapidez no mundo de hoje? Seja a ponta de uma agulha. Entre para o grupo SerAtento em Google Groups: <https://groups.google.com/g/seratento>.

ESTUDE A TEOSOFIA CLÁSSICA:
SUA VIDA MUDARÁ DE DENTRO PARA FORA

Ingresse no SerAtento, em Google Groups, e expanda o seu horizonte a cada dia:
<https://groups.google.com/g/seratento> .

Algumas Palavras Sobre ‘Dilúvios’ e ‘Noés’ Direto da Edição Original de 1888 de ‘A Doutrina Secreta’

Helena P. Blavatsky



Os relatos nos vários Puranas sobre os nossos Progenitores são tão contraditórios *nos seus detalhes* quanto todo o resto. Assim, enquanto no *Rig Veda* Ida (ou Ila) é chamada de Instrutora de Vaivasvata Manu, Sayana faz dela uma deusa que preside sobre a Terra, e o Sathapatha Brahmana a mostra como filha do Manu, uma *oferenda do sacrifício dele*, e, mais tarde, a sua *esposa* (de Vaivasvata) *com quem ele gerou a raça dos Manus*. Nos Puranas, outra vez, ela é a filha de Vaivasvata, e no entanto é a esposa de Budha (Sabedoria), o qual é o filho ilegítimo da Lua (Soma) com Tara, a esposa do planeta Júpiter (*Brihaspati*). Tudo isto, que parece uma confusão para o profano, está cheio de significado filosófico para o Ocultista. Na própria superfície da narrativa é possível perceber um significado secreto e sagrado; todos os detalhes, no entanto, estão tão misturados, propositadamente, que apenas o olhar experiente de um Iniciado pode seguir todos os fatos e colocá-los na ordem correta.

A história tal como é contada no “Mahabharata” dá o tom básico, e no entanto precisa ser explicada pelo significado secreto presente no Bhagavad Gita. Ela é o *prólogo do drama* da nossa (Quinta) Humanidade. Enquanto Vaivasvata está dedicado à prática da devoção na margem do rio, um peixe pede a sua proteção contra um peixe maior. Ele o salva e o põe num jarro, onde o peixe cresce cada vez mais, e dá a Vaivasvata a notícia do próximo dilúvio. Ele é

o bem-conhecido “Matsya Avatar”, o primeiro Avatar de Vishnu, o *Dagon* ¹ do Xisuthrus caldeu, e muitas outras coisas além disso. A história é tão conhecida que não necessita repetição. Vishnu manda que se construa um navio, no qual conta-se que Manu foi salvo junto com os sete Rishis; no entanto, estes últimos não são mencionados em outros textos. Aqui os sete Rishis representam as *sete Raças*, os sete princípios e várias outras coisas; porque há de novo um duplo mistério presente nesta alegoria multidimensional.

Dissemos em outra parte que a grande Inundação tinha vários significados, e que ela se referia, como também se refere a QUEDA, a acontecimentos tanto espirituais quanto físicos, cósmicos e terrestres: o que está abaixo é como aquilo que está acima. ² O navio ou arca - *navis* -, em resumo, sendo o símbolo do princípio gerador feminino, é tipificado no céu pela Lua, e na Terra pelo Útero; ambos são os vasos e portadores das sementes da vida e do ser, a que o Sol, ou Vishnu, princípio masculino, dá vida e faz frutificar. ³ O Primeiro Dilúvio Cósmico refere-se à criação primordial, ou à formação do Céu e das Terras, em cujo caso o Caos e o grande Profundo simbolizam a “Inundação”, e a Lua representa a “Mãe”, da qual procedem todos os germes-da-vida. ⁴ Mas o Dilúvio terrestre e a sua história também possuem uma aplicação dupla. Em um caso o Dilúvio se refere a aquele mistério de quando a humanidade foi salva de uma completa destruição pelo fato de que a mulher mortal se tornou receptáculo da semente humana, no fim da Terceira Raça ⁵, e no outro caso se refere à submersão real e histórica de Atlântida. Nos dois casos a “Hoste” ⁶ - ou o Manu que salvou a *semente* - é chamada de Vaivasvata Manu. Por isso existe a diversidade entre a versão purânica e as outras versões; enquanto, no Sathapatha Brahmana, Vaivasvata tem uma filha e produz a partir dela a raça do Manu, o que é uma referência aos primeiros *Manushyas*, que

¹ Devemos lembrar que à frente de todos os deuses da Babilônia estavam *Ea*, Anu, e o primitivo Bel; e que *Ea*, o primeiro, era o Deus da Sabedoria, o grande “Deus da Luz” e do PROFUNDO, e que ele era idêntico a Oannes, ou o Dragão bíblico - o homem-peixe que saiu do Golfo Pérsico. (Nota de H. P. Blavatsky)

² “O que está abaixo é como aquilo que está acima” - leia “[A Tábua de Esmeralda](#)”. (Nota do Tradutor)

³ Veja, num dos capítulos iniciais da parte II deste volume II, o texto “*O Santo dos Santos: Sua Degradação*”. (Nota de H. P. Blavatsky, ampliada pelo tradutor)

⁴ É muito mais tarde que a Lua se torna um deus masculino: entre os hindus ela era Soma, entre os caldeus Nannak ou Nannar, e Sin, o filho de Mulil, o Bel mais antigo. Os “acadianos” o chamavam de “Senhor dos Espíritos”; e ele era o deus de Nippur (Niffer), no norte da Babilônia. É Mulil quem faz com que as águas do Dilúvio caiam do céu sobre a Terra, razão pela qual Xisuthrus não permitiu que ele se aproximasse do seu altar. Conforme os assiriologistas modernos constataram agora, o norte de Nippur é o centro a partir do qual a magia (negra) caldeia se espalhou; e Eridu (o sul) era a sede primitiva da adoração do deus da cultura, o deus da sabedoria divina - sendo que o Deus-Sol constituía a divindade suprema em todos os lugares. Para os judeus, a Lua está ligada ao Jeová de Israel e à sua semente, porque Ur era a sede principal da adoração do deus-Lua, e porque afirma-se que Abraão veio de Ur, quando deixou de ser A-bra(h)m para tornar-se Abraham, ou Abraão. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁵ Quando Narada, o asceta-irmão, ameaçou colocar um fim à raça humana ao impedir que os filhos de Daksha a reproduzissem. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁶ Hoste - No original de 1888, “Host”, que também se pode traduzir como “Legião”. (Nota do Tradutor)

tenham que criar as mulheres através da vontade (*Kriyashakti*), antes que elas nascessem naturalmente dos hermafroditas como um sexo independente, e que eram, portanto, vistas pelos seus criadores como *filhas*. Os relatos purânicos fazem dela (*Ida* ou *Ila*) a esposa de Buddha (Sabedoria), e esta última versão se refere aos acontecimentos da inundação de Atlântida, quando Vaivasvata, o grande Sábio na Terra, salvou a Quinta Raça-Raiz da destruição junto com os remanescentes da Quarta.

Isto é mostrado muito claramente no *Bhagavad Gita*, onde Krishna afirma:

“Os Sete grandes Rishis, os *quatro Manus anteriores*, partilhando da minha essência, nasceram da minha mente: deles saíram (nasceram) as raças humanas e o mundo” (*Capítulo X, versículo 6*).

Aqui os quatro “Manus” anteriores, do total de sete, são as quatro Raças ⁷ que já viveram, já que Krishna pertence à Quinta Raça, tendo a sua morte inaugurado o Kali Yuga. Assim Vaivasvata Manu, o filho de Surya (o Sol) e salvador da nossa Raça, está conectado à *Semente de Vida*, tanto fisicamente como espiritualmente. Mas, no momento presente, ao mesmo tempo que falamos de todos, precisamos limitar-nos apenas aos dois primeiros.

A tradição do “Dilúvio” é inegavelmente *universal*. Os “períodos glaciais” foram numerosos, e foram numerosos também os “Dilúvios”, por várias razões. Stockwell e Croll enumeram uma meia dúzia de Períodos Glaciais e subsequentes Dilúvios - o primeiro deles todos sendo atribuído a 850.000 anos atrás, e o último a cerca de 100.000 anos atrás. ⁸ Mas qual foi o *nosso* Dilúvio? Seguramente é o primeiro deles, aquele que até hoje permanece registrado nas tradições de todos os povos, desde a mais remota antiguidade; aquele que finalmente eliminou as últimas penínsulas de Atlântida, começando com Ruta e Daitya e terminando com a (comparativamente) pequena ilha mencionada por Platão. Isto é mostrado pela concordância de certos detalhes em todas as lendas. Foi o último da sua dimensão gigantesca. O pequeno

⁷ Isto é corroborado por um erudito brâmane. Nas suas excelentes palestras sobre o Bhagavad Gita (ver “*Theosophist*”, abril de 1887, p. 444), o palestrante diz: “Há uma peculiaridade para a qual devo chamar atenção. Ele (Krishna) fala aqui de quatro Manus. Por que razão ele fala de quatro? Estamos agora no sétimo Manvântara, o Manvântara de Vaivasvata. Se ele estivesse falando dos Manus passados, deveria falar de seis, mas ele menciona apenas quatro. Em alguns comentários, foi feita uma tentativa de interpretar isto de uma maneira muito peculiar. A palavra ‘Chatvaraha’ é separada da palavra ‘Manavaha’, alegando-se que se refere a Sanaka, Sanandana, Sanat-Kumara e Sanat-Sujata, que também estão incluídos entre os filhos nascidos da mente de Prajapati. Mas esta interpretação levaria a uma conclusão absolutamente absurda e faria com que a frase se contradissesse a si mesma. As pessoas mencionadas no texto têm uma cláusula de qualificação na frase. É bem sabido que Sanaka e os outros três se recusaram a criar, embora os outros filhos tivessem aceitado fazê-lo; portanto, ao falar daquelas pessoas das quais a humanidade surgiu para começar a existir, seria absurdo incluir também esses quatro na lista. A passagem deve ser interpretada sem dividir o composto em dois substantivos. O número de Manus seria então quatro, e a afirmação contradiria o relato Purânico, embora estivesse em harmonia com a teoria oculta. Vocês lembrarão que é afirmado (em Ocultismo) que nós estamos agora na Quinta Raça-Raiz. Cada Raça-Raiz é considerada como o Santhathi de um Manu específico. Ora, a Quarta Raça já passou, ou, em outras palavras, há quatro Manus anteriores.....”. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁸ “*Smithsonian Contributions to Knowledge*”, XVIII; “*American Journal of Science*”, III, XI, p. 456; e “*Climate and Time*”, de Croll. Lemúria não foi submergida por uma inundação, mas foi destruída por ação vulcânica, e depois afundada. (Nota de H. P. Blavatsky)

dilúvio, cujos traços o Barão Bunsen encontrou na Ásia Central, e que ele atribui a cerca de 10.000 anos antes da era cristã, nada tem a ver com o Dilúvio *semiuniversal* - a inundação de Noé, que é uma narrativa puramente mítica de antigas tradições - nem com a submersão da última ilha Atlante; no máximo tem uma ligação apenas moral com eles.

A nossa Quinta Raça (as suas porções não-iniciadas), ouvindo falar de muitos dilúvios, confundiu-os, e agora só sabemos de um. Este dilúvio alterou o aspecto de todo o globo com mudanças e intercâmbios entre terra e mar.

Podemos comparar as tradições dos peruanos ⁹: “Os Incas, *sete* em número, repovoaram a Terra depois do dilúvio”, dizem eles ¹⁰; Humboldt menciona a versão mexicana da mesma lenda, mas confunde de certo modo os detalhes da ainda preservada lenda sobre o Noé das Américas. No entanto, o eminente naturalista menciona *duas vezes sete* companheiros e o *pássaro divino* que precedia o barco dos aztecas, e assim faz quinze eleitos ao invés dos sete e dos catorze. Isto foi escrito provavelmente sob alguma lembrança involuntária de Moisés, de quem conta-se que mencionou quinze netos de Noé, que escaparam com o seu avô. Por outro lado, Xisuthrus, o Noé caldeu, é salvo e transportado *vivo* para o céu - assim como Enoque -, junto com os sete deuses, os *Cabiros*, ou os sete Titãs divinos; e o chinês *Yao* tem *sete* figuras que navegam com ele e as quais ele irá *animar* quando desembarcar, usando-as como “sementes humanas”. Osíris, quando entra na arca, ou navio solar, leva *sete* raios consigo, etc., etc.

Sanconíaton faz com que os *Aleta* ou Titãs (Cabiros) sejam contemporâneos de Agruerus, o grande Deus fenício, a quem Faber tentou identificar com Noé ¹¹; além disso, considera-se possível que o nome “Titã” seja derivado de *Tit-Ain* - “as fontes do abismo caótico” ¹² (Tit-Theus, ou Tityus é “o *dilúvio divino*”); e assim os Titãs, que são *sete*, passam a ser vistos como conectados com o Dilúvio e com os sete Rishis salvos por Vaivasvata Manu. ¹³

Eles são filhos de Cronos (Tempo) e Rhea (a Terra); e como Agruerus, Saturno e Sydyk são exatamente o mesmo personagem, e como se afirma que os sete Cabiros são filhos de Sydyk ou Cronos-Saturno, consequentemente os Cabiros e os Titãs são idênticos. Porque, esta vez, o

⁹ Sobre o dilúvio na tradição andina, veja “Dioses y Hombres de Huarochirí”, traducción y prólogo de José Maria Arguedas, siglo veintiuno editores, pp. 32-34, etc.; ou “The Huarochirí Manuscript”, Translation by Frank Salomon and George L. Urioste, University of Texas Press, capítulos 3, 4, 5, e 6, especialmente pp. 51, 59-63. Veja os mesmos capítulos na versão de Gerald Taylor, “Ritos y Tradiciones de Huarochirí”, Lima, Perú, 1999. (Nota do Tradutor)

¹⁰ José de Acosta, “The Natural and Moral History of the Indies”, Book VI, capítulo 19. (Nota de H. P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff)

¹¹ *Agruerus* é *Cronos*, ou Saturno, e é o protótipo do Jeová israelita. Em sua conexão com *Argha*, a Lua ou Arca da salvação, Noé é mitologicamente um com Saturno. Mas então isto não pode ter relação com o dilúvio terrestre. (*No entanto, veja “Kabiri”, de Faber, Vol. I, pp. 35, 43 e 45.*) (Nota de H. P. Blavatsky)

¹² Veja a mesma fonte citada acima, vol. II., p. 240. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹³ Sanconíaton diz que os Titãs eram filhos de Cronos, e que eram sete em número; e ele os chama de adoradores do fogo, de Aletai (filhos de Agni?), e de diluvianos. *Al-ait* é o deus do fogo. (Nota de H. P. Blavatsky)

piedoso Faber estava certo em suas conclusões ao escrever: “Não tenho dúvidas de que os sete Titãs e Cabiros são os mesmos sete Rishis da *mitologia* hindu (?), de quem afirma-se que escaparam em um barco junto com Manu, o chefe (?) da família”.¹⁴

Mas ele tem menos êxito nas suas especulações quando acrescenta: “Os hindus, nas suas lendas *fantasiosas*, *deturparam de várias formas a história dos Noaquidas* (?!), no entanto, chama atenção o fato de que eles parecem ter aderido religiosamente ao número sete.”¹⁵ Por isso o Capitão (Cel.) Wilford observa de maneira muito criteriosa que ‘talvez os sete Manus, os sete Brahmâdicas e os sete Rishis sejam os mesmos, e constituam apenas sete personalidades individuais.’¹⁶ Os sete Brahmâdicas eram *Prajapatis*, ou senhores das *prajas*, ou criaturas. Deles nasceu a humanidade, e eles são provavelmente os mesmos sete Manus Estes sete grandes ancestrais da raça humana foram criados para repovoar a Terra com habitantes.’ (*Asiatic Researches, Vol. V, p. 246*); e Faber acrescenta que - a mútua semelhança entre os Cabiros, os Titãs, os Rishis e a família de Noé é demasiado grande para que constitua apenas o efeito de um mero acaso.”¹⁷

Faber foi levado a este erro, e subsequentemente construiu toda a sua teoria sobre os Cabiros, com base no fato de que o nome escritural de Jafé está presente na lista dos Titãs contida em um verso dos hinos Órficos. Segundo Orfeu, os nomes dos sete Titãs “Arquitas” - que Faber se recusa a identificar com os *ímpios* Titãs, seus descendentes - eram Céu (Koeus), Creu (Kroeus), Fórcis (Phorcys), Cronos (Kronos), Oceano (Oceanus), Hiperião (Hyperion) e Jápeto (*Iapetus*):

Κοῖον τε, Κροῖόν τε μέλαν, Φορκύν τε κραταῖον,
Καὶ Κρόνον, Ὠκεανὸν δ', Ὑπερίοα τε, Ἰαπετόν τε

(*Orph. apud Proclum. in Timaeus, lib. V. p. 295*)

Mas por que o Esdras babilônico não poderia ter adotado o nome de Jápeto para um dos filhos de Noé? Os Cabiros, que são os Titãs, também são chamados de Manes e sua mãe de Mania, de acordo com Arnóbio. (*Adversum Gentes, lib. III, p. 124.*) Os hindus podem, portanto, alegar com muito mais razão que Manes significa os seus Manus, e que Mania é o Manu fêmea. (*Veja o Ramayana.*) Mania é Ila ou Ida, a esposa e filha de Vaivasvata Manu, a partir da qual “ele fez com que nascesse a raça dos Manus”. Como *Rhea*, a mãe dos Titãs, ela é a Terra (Sayana afirma que ela é a deusa da Terra), e ela é apenas a segunda edição e a repetição de Vach. Tanto *Ida* como *Vach* foram transformadas em machos e em fêmeas; *Ida* tornou-se Sudyumna, e *Vach*, a “Viraj fêmea”, transformou-se em uma mulher para punir os

¹⁴ Faber, obra citada, vol. I, p. 130, nota. (Nota de H. P. Blavatsky, conforme a edição de Boris de Zirkoff)

¹⁵ É oportuno lembrar que os originadores do número *sete* são os arianos, e não os semitas, e que os judeus obtiveram o número com os caldeus. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁶ Sete filhos individuais de Deus, ou Pitaras e Pitris; também neste caso filhos de Cronos ou Saturno (*Kala*, “tempo”), e *Arquitas*, tal como os Cabiros e Titãs, já que o seu nome - “ancestrais *lunares*” - mostra a Lua como Arca, ou *Argha*, no abismo aquático do espaço. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷ Veja “*Kabiri*”, vol. I, p. 131. (Nota de H. P. Blavatsky)

Gandharvas; uma versão se refere a uma teogonia cósmica e divina, e outra ao período posterior. Os *Manes* e a Mania de Arnóbio são nomes de origem indiana, apropriados pelos gregos e latinos e desfigurados por eles.

Portanto, isso não é uma casualidade, mas resulta de uma doutrina arcaica comum a todos, da qual os israelitas, através de Esdras ¹⁸ - o autor dos livros mosaicos modernizados - foram os adaptadores mais recentes. Faziam tão pouca cerimônia com a propriedade de outros povos que Beroso (*Antiquitates Libyae* I, fol. 8) apresenta *Titea* - de quem Diodoro afirma ser mãe dos Titãs ou Diluvianos (Veja *Bibl. lib.* III. p.170) - como sendo a *esposa de Noé*. Por isto Faber chama-o de “*pseudo-Beroso*”, no entanto aceita a informação para registrar mais uma prova de que os pagãos tiraram todos os seus deuses dos judeus, transformando material dos patriarcas. De acordo com a nossa humilde opinião, esta é uma das melhores provas possíveis exatamente da tese oposta. Mostra tão claramente quanto os fatos podem mostrar que são os *pseudo*-personagens bíblicos que foram todos tomados por empréstimo dos mitos pagãos, se é preciso que sejam chamados de mitos. Mostra, pelo menos, que Beroso estava bastante consciente da fonte do *Gênesis*, e de que ele tinha o mesmo caráter cósmico astronômico que as alegorias de Ísis-Osiris, e a Arca, e outros símbolos “Arquitas” mais antigos. Porque Beroso diz que a “grande *Titea*” foi mais tarde chamada de *Aretia* ¹⁹, e adorada com a Terra; e isto identifica “*Titea*”, a esposa de Noé, com *Rhea*, a mãe dos Titãs, e com *Ida*, ambas sendo deusas que presidem a Terra, e mães dos Manus e Manes (ou Tit-an-Kabiri, Titãs-Cabiros). E *Titea-Aretia* era adorada como *Horchia*, segundo diz o mesmo Beroso, e este é um título de Vesta, a deusa da Terra. “*Sicanus deificavit Aretiam, et nominavit eam linguâ Janigenâ Horchiam.*” (*Ibid. lib. V. fol. 64.*)

Difícilmente algum poeta antigo, de eras históricas ou pré-históricas, deixou de mencionar o afundamento dos dois continentes - frequentemente chamados de ilhas - de uma forma ou de outra. Daí a destruição, além de Atlântida, também da ilha dos Flégias. Veja Pausânias e Nonos, que contam ambos como ocorreu:

“De sua base profundamente enraizada, a ilha Flégia
O severo Netuno sacudiu, mergulhando sob as ondas
Seus habitantes ímpios”.
(*Dionysius lib xviii. p. 319.*)

Faber estava convencido de que as “*insulæ Phlegyæ*” eram a Atlântida. Mas todas essas alegorias são ecos mais ou menos distorcidos da tradição hindu a respeito do grande cataclismo que se abateu sobre a Quarta Raça, realmente humana, embora gigantesca, a Raça anterior à Raça ariana. No entanto, conforme foi dito acima, assim como todas as outras

¹⁸ Em português, este nome é usado de duas formas: *Ezra* ou *Esdras*. (Nota do Tradutor)

¹⁹ *Aretia* é a forma feminina de *Artes* (o deus Marte egípcio). Daí vem a palavra caldaica (e agora também hebraica) אֶרֶץ (*Aretz*), “Terra”. O autor de “*Beiträge zur Kenntniss*” (artigo sob o título de “*Artes*”, *Marte*), faz a seguinte citação: “*Addit Cedrenus (Salem I, 3): Stella Martis ab Egyptiis vocatur Ertosi (plantare, generare). Significat autem hoc omnis generis procreationem et vivificationem, omnisque substantiæ et materiæ naturam et vim ordinantem atque procreantem.*” É a Terra como “fonte do ser”; ou, segundo é explicado pelo autor de “*The Source of Measures*”, *Artes* é o mesmo em *hebraico* e em *egípcio*, e ambos combinam a ideia primordial da *Terra como fonte*; precisamente como no próprio hebraico, sob outra forma, *Adão* e *Madim* (*Marte*) são o mesmo, e combinam a ideia da Terra com *Adão* sob a forma de *H-Adão-H*. (Nota de H. P. Blavatsky)

lendas, “a lenda do Dilúvio tem mais de um significado. Ela se refere, em Teogonia, a *transformações pré-cósmicas*, a *correlações espirituais* - por mais absurdos que estes termos possam parecer a ouvidos científicos -, e também se refere à subsequente Cosmogonia; à grande INUNDAÇÃO de ÁGUAS (matéria) no CAOS, despertado e frutificado por aqueles Espíritos-Raios que foram arrastados por, e *pereceram*, na misteriosa diferenciação - um mistério pré-cósmico, o Prólogo ao drama do Ser.²⁰ Anu, Bel, e Noé precederam Adão Cadmon, Adão o Vermelho, e Noé; assim como Brahmâ, Vishnu e Shiva precederam Vaivasvata e o resto”. (Veja “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, SP, Vol. IV, p. 67 e seguintes, ou “Isis Unveiled”, Vol. II, pp. 420 e seguintes, onde são sugeridos um ou dois dos sete significados.)

Tudo isto serve para mostrar que o dilúvio *semiuniversal* conhecido pela geologia (primeiro período glacial) deve ter ocorrido exatamente na época atribuída a ele pela Doutrina Secreta: isto é, 200.000 anos (em números redondos) depois do início da nossa QUINTA RAÇA, ou seja, mais ou menos na época assinalada pelos Srs. Croll e Stockwell para o primeiro período glacial, isto é, cerca de 850.000 anos atrás. Assim, como esta última perturbação é atribuída por geólogos e astrônomos a “uma excentricidade extrema da órbita da Terra”, e como a Doutrina Secreta a atribui à mesma causa, mas com o acréscimo de outro fator, o deslocamento do eixo terrestre - do qual encontramos evidências no *Livro de Enoque*²¹, caso a linguagem velada dos Puranas não seja compreendida -, tudo isto tende a mostrar que os antigos conheciam alguma coisa das “descobertas modernas” da ciência. Enoque, ao falar da “grande inclinação da Terra”, que “está em trabalho”, é bastante claro e significativo.

Não é evidente? Nuah é Noé, *flutuando* sobre as águas em sua arca; esta última é o símbolo da Argha, ou Lua, o princípio feminino; Noé é o “espírito” caindo na matéria. Nós o vemos, assim que ele desce sobre a Terra, plantando uma vinha, bebendo do vinho e ficando bêbado com ele, isto é, o espírito puro fica intoxicado tão logo é finalmente aprisionado na matéria. O sétimo capítulo do *Gênesis* é apenas mais uma versão do primeiro. Assim, enquanto o primeiro afirma: “e a escuridão estava sobre a face do abismo, e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas”, no capítulo sete afirma-se: “..... e as águas prevaleceram e a arca andou (com Noé, o espírito) sobre a face das águas.” Assim, Noé, se for idêntico ao Nuah caldeu, é o espírito que dá vida à *matéria*, e a matéria é o Caos, representado pelo PROFUNDO, ou pelas Águas do Dilúvio. Na lenda babilônica (o evento pré-cósmico mesclado com o evento terrestre) é Istar (Astareth ou Vênus, a deusa lunar) quem está fechada na arca e manda “uma *pomba* em busca de terra firme”. (“Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, Vol. IV, pp. 70-71; “Isis Unveiled”, Vol. II, pp. 423-424.)

George Smith vê nas “*Tábuas*” primeiro a criação da Lua, e depois a criação do Sol: “A beleza e perfeição da Lua são elogiadas, assim como a regularidade de sua órbita, o que a levou a ser considerada simbolicamente uma juíza e reguladora do mundo.” Se esta história se referisse simplesmente a um cataclismo cosmogônico - mesmo que fosse este cataclismo universal - por que deveria a deusa Istar ou Astareth, a Lua, falar da *criação do Sol* após o dilúvio? As águas poderiam ter chegado tão alto quanto a montanha de *Nizir* (versão caldaica), ou Jebel Djudi (as montanhas do dilúvio na lenda árabe), ou ainda o Ararat (da

²⁰ A dimensão cósmica da Grande Inundação aparece com força na tradição andina. Veja o capítulo 29 de “The Huarochirí Manuscript” (University of Texas Press). Em espanhol, examine o mesmo capítulo nas versões de Gerald Taylor - “Ritos y Tradiciones de Huarochirí” - e José Maria Arguedas, “Dioses y Hombres de Huarochirí”. (Nota do Tradutor)

²¹ Capítulo LXIV, Seção XI. (Nota de H. P. Blavatsky)

narrativa bíblica), e até mesmo o Himalaia (da tradição hindu), e ainda assim sem alcançar o Sol: a própria Bíblia absteve-se de tamanho milagre! É evidente que o dilúvio do povo que o registrou pela primeira vez tinha outro significado, menos problemático e muito mais filosófico do que o de um dilúvio *universal*, do qual não há quaisquer indícios geológicos.

Como todos esses Cataclismos são periódicos e cíclicos, e como o Manu Vaivasvata figura como um personagem *genérico*, atuando sob várias circunstâncias e eventos (veja mais adiante “*Os Manus Primordiais da Humanidade*”), parece não haver nenhum argumento sério contra a suposição de que a primeira “grande inundação” teve um significado alegórico, e cósmico, e que ela aconteceu ao final do Satya Yuga, a “era da Verdade”, quando a *Segunda Raça Raiz*, “o Manu com ossos” fez a sua aparição primordial como “Nascido-por-Suor”.²²

A Segunda Inundação - chamada de “universal” -, que afetou a Quarta Raça Raiz (agora convenientemente vista pela teologia como “a raça amaldiçoada de gigantes”, os CAINITAS e “os filhos de Cam”) é a inundação que foi percebida em primeiro lugar pela geologia. Se compararmos cuidadosamente os relatos das várias lendas dos caldeus e outras obras exotéricas das nações, veremos que todas elas concordam com as narrativas ortodoxas dadas nos livros bramânicos. E é possível perceber que, enquanto na primeira narrativa “não há nem Deus nem mortal ainda na Terra”, na segunda, quando o Manu Vaivasvata chega ao Himavan²³, os Sete Rishis são autorizados a acompanhá-lo, ficando assim claro que enquanto alguns relatos se referem à INUNDAÇÃO sideral e cósmica antes da chamada criação, os outros tratam, um, da Grande Inundação de Matéria na Terra, e o outro, de um dilúvio realmente aquático. No *Satapatha Brâhmana*, o Manu descobre que “a Inundação tinha varrido para longe todas as criaturas vivas, e só ele restava” - isto é, restou apenas a *semente de vida* após a dissolução prévia do *Universo*, o *Mahapralaya*, depois de um “Dia de Brahmâ”, e o *Mahabharata* se refere simplesmente ao cataclismo geológico que eliminou quase toda a Quarta Raça para abrir espaço para a Quinta²⁴. Por isso o Vaivasvata Manu é mostrado na nossa Cosmogonia esotérica sob três diferentes atributos²⁵: (a) como o “Manu-Raiz” no

²² Todas estas expressões são explicadas na “*Antropogênese*” do presente volume II, e em outras partes. (Nota de H. P. Blavatsky)

²³ Himavan, ou Himavat - personificação divina da Cordilheira dos Himalaias, aspecto divino da Cordilheira. Deus das montanhas. (Nota do Tradutor)

²⁴ Assim, cada vez que a Lei da Evolução destrói geologicamente um velho modo de funcionar da humanidade, a meta é abrir espaço para um novo e melhor modo de agir e viver. (Nota do Tradutor)

²⁵ Devemos lembrar que, na filosofia hindu, cada unidade diferenciada só é diferenciada durante os ciclos de Maya, porque em sua essência está em unidade com o Espírito Único ou Supremo. Daí surgem a aparente confusão e a contradição nos vários Puranas, e às vezes no mesmo Purana, sobre o mesmo indivíduo. Vishnu, na sua condição de Brahmâ multiforme e como Brahma (neutro) - é um; e no entanto é descrito como sendo todos os 28 Vyasas (*Vishnu Purana*). “Em cada era de Dvapara (terceira), *Vishnu*, na pessoa de *Vyasa*, divide o Veda, que na verdade é um, em quatro partes e em muitas partes. Vinte e oito vezes os Vedas foram organizados pelos grandes Rishis no Manvântara de Vaivasvata, no Dvapara Yuga e, conseqüentemente, vinte e oito Vyasas passaram eles que tinham todos a forma de *Veda-Vyasas*, que eram os Vyasas das suas respectivas eras” (*Livro III, Capítulo III*) “Este mundo é Brahmâ em Brahmâ, desde Brahmâ nada mais a ser conhecido.” E então, outra vez “Havia no Primeiro Manvântara sete celebrados filhos de Vasishta, os quais, no Terceiro Manvântara, eram filhos de Brahmâ (isto é, Rishis), a ilustre progênie de Urja.” Isto é bastante claro: a Humanidade do Primeiro Manvântara era a Humanidade do Sétimo e de todos os Manvântaras intermediários. A humanidade da Primeira Raça-Raiz é a humanidade da *segunda*, da

Globo A da Primeira Ronda; (b) como a “semente de vida” no Globo D na Quarta Ronda; e (c) como a “Semente de Homem” no começo de cada Raça-Raiz - especialmente em nossa Quinta Raça. O início desta última presenciou, durante o Dvapara Yuga ²⁶, a destruição dos feiticeiros amaldiçoados; “daquela ilha (Platão fala apenas da sua última ilha) situada além das Colunas de Hércules, no Oceano Atlântico, da qual havia uma fácil transição para outras ilhas na vizinhança de outro *grande Continente*” (as Américas). É esta terra “Atlântica” que estava conectada com a “*Ilha Branca*”, e esta Ilha Branca era Ruta, mas não era a Atala nem o “*Demônio Branco*” do Coronel Wilford (ver “*Asiatic Researches*”, Vol. VIII, p. 280), conforme já foi mostrado. Devemos registrar aqui que o Dvapara Yuga dura 864.000 anos, de acordo com os textos em sânscrito; e que, se o *Kali Yuga* começou apenas cerca de 5.000 anos atrás, passaram-se exatamente 869.000 anos desde que essa destruição ocorreu. Outra vez, estes números não são muito diferentes dos fornecidos pelos geólogos, que colocam o “período glacial” deles há 850.000 anos.

Então “uma mulher foi gerada, e ela veio ao Manu e declarou *ser sua filha, com a qual ele viveu e gerou a progênie de Manu*”. Isto se refere à transformação fisiológica dos sexos durante a Terceira Raça-Raiz. E a alegoria é tão clara e transparente que não necessita muitas explicações. Naturalmente, como já foi assinalado, na separação dos sexos se supõe que um ser andrógino divide o seu corpo em duas metades (como no caso de Brahmâ e Vach, e mesmo no caso de Adão e Eva); deste modo a fêmea é, de certo modo, a filha dele, assim como ele é filho dela, sendo ambos “carne da carne um do outro, e osso do osso um do outro”. Devemos lembrar também que nenhum dos nossos Orientalistas aprendeu até agora a perceber, naquelas “contradições e notáveis absurdos”, conforme alguns descrevem os Puranas, que uma referência a um Yuga pode significar uma Ronda, uma Raça-Raiz, e com frequência uma *Sub-Raça*, assim como pode ser uma página arrancada da teogonia pré-cósmica. Este significado duplo e tríplice é comprovado pelas várias referências feitas aparentemente ao mesmo indivíduo, sob um nome idêntico, quando na verdade as referências mencionam acontecimentos separados por Kalpas inteiros. Um bom exemplo disso é Ila. Ela é apresentada inicialmente como uma coisa e depois como outra. Nas lendas exotéricas afirma-se que o Manu Vaivasvata, desejando ter filhos, estabeleceu a prática de um sacrifício em homenagem a Mitra e Varuna; mas, devido a um erro do brâmane que realizava a cerimônia, apenas uma filha foi obtida - Ila. E então, “graças ao favor dos deuses”, o *sexo dela foi mudado* e ela se transformou num homem, *Su-dyumna*. Então ela foi outra vez transformada em mulher, e assim sucessivamente; a fábula acrescenta que Shiva e sua esposa ficaram contentes ao ver que “ela seria homem num mês e mulher no outro”. Esta é uma referência direta à Terceira Raça-Raiz, cujos membros eram andróginos. Mas alguns Orientalistas bastante eruditos pensam (ver “*Hindu Classical Dictionary*”) e têm declarado que “Ila era primariamente comida, nutrição, ou uma oferenda de leite; a partir disso, uma sequência de louvores, personificada como a deusa da fala”. Não se diz aos profanos, no entanto, a razão pela qual “uma oferenda de leite” ou “uma sequência de louvores” deveria ser alternadamente

terceira, da quarta, da quinta, etc. Até o fim, existe uma reencarnação cíclica e constante das Mônadas que pertencem aos Dhyan Chohans da nossa Cadeia Planetária. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁶ O Dvapara Yuga é diferente em cada Raça. Todas as raças têm os seus próprios ciclos, o que causa uma grande diferença. Por exemplo, a Quarta Sub-Raça dos Atlantes estava no seu Kali-Yuga quando foi destruída, enquanto a Quinta estava no seu Satya ou *Krita Yuga*. A Raça Ariana está agora no seu Kali Yuga, e vai continuar nele durante mais 427.000 anos, enquanto várias “Raças-família”, chamadas de Semita, Camita, etc., estão em seus próprios ciclos especiais. A próxima sexta Sub-Raça - que pode começar muito brevemente - estará em sua era Satya (de ouro) enquanto nós colhemos os frutos da nossa iniquidade em nosso Kali Yuga. (Nota de H. P. Blavatsky)

